

# DA INTRODUÇÃO AO RESUMO/ABSTRACT: O SURGIMENTO DE UM GÉNERO HÍBRIDO NAS ATAS DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA

PAULO NUNES DA SILVA

(Universidade Aberta / Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada)

JOANA VIEIRA SANTOS

(Universidade de Coimbra / Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada)

*ABSTRACT: The aim of the paper is to retrace the emergence of the academic genre Abstract through the analysis of the “Associação Portuguesa de Linguística” Proceedings (2001–2010). Following the framework of the “Interactionnisme Sociodiscursif” (Bronckart, 1996), the main assumptions are: (i) genre properties are unfolded through texts; and (ii) within a given period, texts belonging to different genres may share linguistic, social and illocutionary properties until a self-sustained genre emerges (Adam, 2001; Maingueneau, 1998). The analysis took into account the abstract dimension of genres, and the empirical dimension of texts within a 3-level model that includes genre parameters, mechanisms of textual realization and genre markers (Coutinho & Miranda 2009). Data shows that the Abstract shares properties with the Introduction of the paper it summarizes. Its emergence as an independent genre thus points to intertextual origins.*

*KEYWORDS: abstract, genre, parameters of genre, mechanisms of textual realization, genre markers, intertextuality.*

## 1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo retratar a constituição do género *Resumo/Abstract*, identificando e explicitando a influência recíproca em relação a um outro género incluído – a *Introdução*. Os respetivos textos ocorrem de forma contígua ou incluída em textos do género *Artigo/Comunicação* publicados ao longo de dez anos nas atas dos encontros da Associação Portuguesa de Linguística (APL). É assumido o pressuposto de que os géneros se podem influenciar mutuamente, em particular os que são usados

no seio de uma dada formação sociodiscursiva. A influência recíproca decorre de vários fatores, entre os quais se contam o facto de os textos serem produzidos no seio de uma mesma área de atividade socioprofissional e pelos mesmos sujeitos falantes, o de possuírem objetivos ilocutórios idênticos ou complementares, e o de abordarem temas semelhantes.

Com base nesta assunção, pretende-se testar a seguinte hipótese de trabalho: num dado período, textos que pertencem a géneros distintos podem partilhar propriedades, até que ocorra a separação e um desses géneros possa emergir com carácter independente. Argumenta-se, portanto, que os textos do género Resumo/*Abstract* manifestam, ao longo de vários anos, propriedades idênticas aos textos do género incluído Introdução nas atas dos encontros da APL. A partir de 2008, o género Resumo/*Abstract* torna-se autónomo, e, desde então, tem revelado características próprias que o distinguem do género Introdução. Ainda que ambos constituam géneros estreitamente ligados e, de certa forma, dependentes do género Artigo/Comunicação (uma relação que, no caso da Introdução, é de género incluído e, no caso do *Abstract*, de género contíguo), manifestam, de forma crescente, propriedades que permitem delimitar de forma clara as fronteiras que os individualizam.

## 2. Enquadramento teórico-metodológico

### 2.1. Perspetiva crítica sobre *texto* e *género* no âmbito do Interacionismo Sociodiscursivo

A investigação levada a cabo insere-se no quadro teórico do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD). A abordagem descendente preconizada pelo ISD permite revelar e salientar a interligação entre as práticas verbais e os condicionalismos externos no seio dos quais elas emergem. Entre esses condicionalismos contam-se, por exemplo, os papéis socioprofissionais dos indivíduos em interação, os contextos e os objetivos dessa interação.

Neste âmbito, os *textos* têm origem em indivíduos que integram formações sociodiscursivas específicas e cumprem objetivos inerentes à área de atividade socioprofissional no seio da qual são produzidos. Constituem, por isso, representações empíricas das atividades humanas. Os *géneros*, por seu turno, são dispositivos histórica e socioculturalmente enraizados que se encontram disponíveis para os indivíduos de uma dada área de atividade socioprofissional. Assim, o carácter abstrato dos géneros contrasta com o carácter empírico dos textos, que atualizam sempre um determinado género (ou mais do que um), porquanto manifestam propriedades tipicamente associadas a um ou mais géneros. Por outras palavras, os textos adotam e adaptam de forma contínua as propriedades típicas dos géneros em que se inserem (Bronckart, 1996). Cada novo texto surge configurado (ainda que com elevado grau de flexibilidade) pelas propriedades do(s) género(s) que atualiza.

As propriedades associadas a cada género são de natureza heterogénea. De acordo com Adam (2001: 40-41), é possível distribuí-las pelas seguintes

componentes: *enunciativa* e *pragmática* (propriedades decorrentes da identidade dos interlocutores e dos objetivos da produção textual), *composicional* (relacionadas com a estrutura das sequências textuais), *semântica* (propriedades associadas aos conteúdos abordados e ao seu caráter ficcional ou não ficcional), *estilística* e *fraseológica* (propriedades sustentadas por construções específicas ao nível da frase e pela seleção lexical), *metatextual* (marcada por recursos como a referência explícita ao gênero), *peritextual* (relacionada com os limites *a quo* e *ad quem*) e *material* (atestada nos suportes e no grafismo, entre outros elementos).

O modelo teórico e a metodologia de análise adotados devem contemplar, então, a heterogeneidade das propriedades associadas a cada gênero, a flexibilidade com que os textos as assumem e atualizam, e a diversidade e mutabilidade dessas propriedades. Para acomodar estes pontos numa metodologia adequada à análise de textos e de gêneros, Coutinho & Miranda (2009) propuseram uma tríade de conceitos. Nessa tríade, os *parâmetros de gênero* designam as propriedades abstratas que permitem identificar, definir e delimitar um dado gênero. Os *mecanismos de realização textual* referem propriedades empiricamente atestadas nos textos e que constituem a materialização dos parâmetros de gênero. Os *marcadores de gênero* constituem uma subclasse de mecanismos de realização textual; são os que possuem função distintiva, dado que a sua presença num texto permite identificar, de forma inequívoca, o gênero em que esse texto se insere.

O quadro 1 sistematiza a oposição entre os planos abstrato e empírico dos gêneros e dos textos, nos quais se enquadram, respetivamente, os conceitos de parâmetro de gênero e de mecanismos de realização textual.

	<b>Plano abstrato</b>	<b>Plano empírico</b>
<b>Objeto de análise</b>	Gênero	Texto
<b>Propriedades do objeto de análise</b>	Parâmetros de gênero	Mecanismos de realização textual

Quadro 1: Parâmetros de gênero e mecanismos de realização textual

No plano abstrato, o conceito de *parâmetros de gênero* permite identificar as características identitárias previsíveis associadas a cada gênero. Tais parâmetros são atualizados, no plano empírico dos textos, por *mecanismos de realização textual*. Os mecanismos constituem a manifestação dos parâmetros de gênero nos textos, seja a nível externo (por exemplo, os papéis

socioprofissionais dos interlocutores e os objetivos ilocutórios que pretendem atingir), seja a nível interno (onde se incluem todas as propriedades inerentes aos textos)<sup>1</sup>. A identificação destes mecanismos permite, pois, reconhecer os parâmetros que eles atualizam através de traços específicos na materialidade textual.

Os marcadores de género são mecanismos de realização textual (situando-se, por isso, no plano empírico), com valor distintivo no que diz respeito à identificação do género. Alguns marcadores são autorreferenciais, pois reenviam explicitamente para o género a que o texto pertence; outros são inferenciais, isto é, apenas indiciam que o texto se insere num dado género.

No pressuposto de que é através do texto enquanto objeto empírico que o género (ou géneros) que ele atualiza se pode reconhecer e definir, a investigação realizada amplia análises anteriores de textos do género *Abstract*, efetuadas a partir de propriedades que constituem mecanismos de realização textual e, como tal, materializações de parâmetros do género. Assim, de acordo com estas assunções, situa-se num quadro compósito que combina os preceitos teóricos do ISD com conceptualizações das áreas da Linguística Textual e da Teoria do Texto (Adam, 2001; Coutinho & Miranda, 2009).

## 2.2. Intertextualidade, hibridismo e hipertextualidade na construção dos géneros textuais

De um ponto de vista diacrónico, na sua génese, qualquer género revela uma **intertextualidade** latente. Um género é sempre progressivamente construído, diferenciando-se a pouco e pouco e sendo delimitado relativamente a outro(s) género(s), através de inúmeros produtos textuais concretos. Para essa diferenciação, concorrem fatores externos (como o estatuto socioprofissional dos autores e os objetivos ilocutórios que concretizam) e fatores internos (como a estruturação textual, e as suas propriedades estilístico-fraseológicas). Os fatores externos aparentemente prevalecem sobre os fatores internos, e condicionam-nos, ainda que não de forma impositiva.

Por outro lado, os textos materializam, de formas muito flexíveis, os parâmetros inerentes ao(s) género(s) em que se inserem. De cada vez que atualiza esses parâmetros, um novo texto corrobora e reforça a identidade do género em causa. Além disso, partilha os parâmetros (todos ou apenas alguns deles) com textos do mesmo género. De acordo com Maingueneau (1998: 51), “ce sont des routines, des comportements stéréotypés et anonymes qui se sont stabilisés peu à peu mais sont sujets à variation continuelle”.

---

<sup>1</sup> A designação deste conceito aponta especificamente para mecanismos atestados nos textos. Nesta investigação, assume-se, todavia, que os mecanismos de realização textual referem quer os que são atualizados a nível textual, quer os que dizem respeito a aspetos externos aos textos (como, por exemplo, as propriedades inseridas nas componentes enunciativa e pragmática – cf. Adam, 2001).

Ampliando estes pressupostos, é assumido que, num dado período, textos pertencentes a um mesmo género possam partilhar propriedades consideradas relevantes, até que ocorra uma separação e venha a emergir um novo género com carácter independente. Durante o processo de formação de novos géneros, os textos em causa assumem um carácter marcadamente híbrido, manifestando propriedades que tanto podem pertencer ao género emergente como ao género original. Será o caso, por exemplo, do género Tese, que, no âmbito do discurso académico e por força das práticas sociais da formação sociodiscursiva em que emergiu e é produzido, se foi progressivamente diferenciando nos géneros Tese de Doutoramento e Dissertação de Mestrado.

Os textos do género Resumo/*Abstract* (doravante apenas *Abstract*) possuem um carácter híbrido, em primeiro lugar porque cada novo texto replica um outro texto mais extenso, pertencente ao género Artigo/Comunicação (doravante apenas Artigo). O *Abstract* constitui de facto uma réplica-miniatura ou bilhete de identidade do texto maior, por meio do qual os autores cumprem o objetivo de sumariar e destacar precisamente as ideias mais relevantes desse outro texto (Hyland, 2004: 64; Santos & Silva, 2013). Em simultâneo, os autores pretendem demarcar a sua área de atuação quanto ao tema abordado, à metodologia e ao quadro teórico adotados e aos objetivos almejados. Atraem, desse modo, potenciais leitores – precisamente os que se interessam por alguns aspetos da área de investigação assinalada (Martín-Martín, 2005). Em segundo lugar, os textos também partilham características com o texto que sumariam, especialmente com uma das suas secções – a Introdução –, ao ponto de poder argumentar-se que, no caso das Atas dos encontros da APL, o género *Abstract* emerge do género incluído Introdução. Ora, de acordo com Genette (1982), a relação segundo a qual um texto resulta da transformação premeditada de um outro texto pré-existente é uma relação de hipertextualidade. Um texto do género *Abstract* mantém então uma relação de **hipertextualidade** com o Artigo a vários níveis<sup>2</sup>.

Por outro lado, as práticas sociodiscursivas impõem necessidades de diferenciação entre textos de géneros distintos que partilhem algumas propriedades. Por força dessas práticas, poderão surgir diferentes géneros, mesmo que os textos que os atualizam continuem a manifestar semelhanças, pelo menos num período inicial. Como veremos pela análise do *corpus*, e considerando a totalidade dos textos publicados entre 2001 e 2011 (correspondentes aos encontros ocorridos entre 2000 e 2010), constata-se uma evolução, ao longo da qual diversas funções são progressivamente transferidas da Intro-

---

<sup>2</sup> Uma vez que a presente investigação incide sobre textos do género *Abstract* que foram publicados em livros de atas, não inclui o caso dos textos do mesmo género que são submetidos a uma comissão sob a forma de proposta de comunicação a apresentar em encontro científico. É sabido que, por vezes, tais textos são redigidos antes mesmo de estar concluída a investigação cujos resultados os autores se propõem apresentar no encontro. Textos do género Resumo/*Abstract* nessas condições não retomam um texto já escrito.

dução (ou das secções introdutórias) para o *Abstract*. Este género autonomiza-se como género obrigatório a partir do volume de atas correspondente ao encontro de 2008<sup>3</sup>. A decisão da comunidade APL (e dos editores dos volumes de atas) de tornar este género obrigatório a partir de 2008 constitui o epílogo do processo de emergência do género nos textos das atas. Tudo indica, portanto, que necessidades atestadas pelos membros da formação socio-discursiva em causa estão na origem do género *Abstract*.

Numa perspetiva agora sincrónica, há ainda que ter em conta que os textos sustentam relações de intertextualidade num outro nível. Por exemplo, podem estabelecer entre si relações de contiguidade ou de inclusão. Assim, se o texto do género Artigo publicado em ata contrasta com o do género Comunicação oral que o originou, também sustenta com ele uma relação muito estreita. Trata-se de textos que se inserem em **géneros contíguos** no seio do discurso académico, pois, ainda que distintos, partilham diversas propriedades, ao ponto de, em alguns casos, se diferenciarem exclusivamente pelos contextos enunciativos em que operam (nomeadamente os que forçam a distinção entre suporte oral e escrito). Os textos podem também recorrer a mecanismos de realização textual comuns. Em textos do género *Abstract*, alguns coincidem total ou parcialmente com os de secções específicas dos artigos integrais, muitas delas com o título de Introdução. Ora, essas secções introdutórias – explicitamente identificadas ou não com o subtítulo “Introdução” – atualizam um **género incluído**, pois apenas ocorrem como partes de textos de outros géneros (o Artigo, a Tese de Doutoramento, a Dissertação de Mestrado ou outro).

Por estas razões, equaciona-se no presente trabalho a relação entre ambos os géneros – *Abstract* e Introdução – considerando igualmente o género Artigo (originariamente uma Comunicação em suporte oral, e, depois, um Artigo em suporte escrito). No processo evolutivo, assume-se como hipótese de trabalho que esses géneros sustentam entre si relações de natureza diversa. O género *Abstract* emerge nas atas da APL como um novo género, integrado em textos do género Artigo, tendo-se autonomizado e tornado obrigatório a partir de 2008. Enquanto género, sustenta uma relação de hipertextualidade de género contíguo com o género Artigo, porquanto o resume, apresenta, e com ele co-existe. Essa relação é extensível à Introdução, que, por sua vez, enquanto género, sustenta uma relação de inclusão em relação ao Artigo. A diferença é especialmente evidente quando se confronta o *Abstract* com a Introdução, ainda que, ao longo do período considerado, as propriedades internas dos *Abstracts* absorvam, pelo menos em parte, as da Introdução (ou secção introdutória) e, por essa via, também as do texto integral do género Artigo.

---

<sup>3</sup> Antes de 2008, ocorrem textos que incluem o título *Resumo*, *Résumé* ou *Abstract*, consoante sejam redigidos em português, em francês ou em inglês. A partir de 2008, os textos deste género incluem sempre o título *Abstract*, visto que são todos redigidos em inglês e, por razões de simplificação, foi esta a designação adotada no presente artigo. Cf. adiante secção 2.3.1. O *corpus*.

## 2.3. Parâmetros de análise

### 2.3.1. O corpus

Na esteira de uma investigação mais ampla<sup>4</sup>, o presente artigo considera um *corpus* de 490 textos, publicados entre 2002 e 2011 nos volumes das *Atas dos Encontros Nacionais da Associação Portuguesa de Linguística* (APL). Neste conjunto, todos os textos contêm secções iniciais que ostentam frequentemente o título de Introdução, mas apenas 142 incluem um *Abstract*, *Resumo* ou *Résumé* (ver Quadro 2).

Volume de Atas <sup>5</sup>	Total de artigos	Total de resumos / abstracts / résumés	Percentagem de resumos / abstracts / résumés	Secções introdutórias		
				Com a designação de “Introdução”	Com outra designação	Sem designação
2001/02	45	5	11,1%	23	9	13
2002/03	77	5	6,4%	41	11	25
2003/04	54	1	1,8%	32	8	14
2004/05	61	1	1,6%	41	9	11
2005/06	46	3	6,5%	34	7	5
2006/07	47	1	2,1%	38	7	2
2007/08	35	1	2,8%	28	5	2
2008/09	38	38	100%	27	11	0
2009/10	46	46		38	8	0
2010/11	41	41		38	3	0

Quadro 2: Artigos, resumos/*abstracts*/*résumés* e secções introdutórias (2001-2010)

Conforme é atestado pelos dados apresentados no quadro, após 2008, a ocorrência de um texto do género *Abstract* (redigido em inglês) tornou-se obrigatória. Por isso, dos 142 Resumos/*Abstracts* publicados ao longo de dez anos (entre 2001/02 e 2010/11), 125 (ou seja, 88%) ocorrem nos três volumes de atas correspondentes aos encontros realizados em 2008, 2009 e 2010.

<sup>4</sup> O trabalho de investigação considera diferentes géneros do discurso académico e inclui, além dos *Abstracts*, Artigos científicos, Teses de doutoramento e Dissertações de mestrado, Ensaios académicos, Respostas em contexto de avaliação (Silva & Santos, 2013), entre outros.

<sup>5</sup> As datas de referência são as do ano em que se realizou o respetivo encontro. Contudo, é indicada também a data correspondente ao ano de publicação do volume de Atas, necessariamente posterior. Assim, 2001/02 corresponde à data do XXVII Encontro (2001), cujas Atas foram publicadas em 2002. Para os exemplos das secções seguintes, a data indicada é a do ano de publicação. Por uma questão de homogeneização dos textos analisados, incluímos no *corpus* todos os textos correspondentes a comunicações (livres ou coordenadas), e excluímos os textos relativos a conferências plenárias, intervenções em mesas redondas ou *posters*.

As secções introdutórias, por sua vez, surgem em todos os textos publicados. Entre os dados apurados, destaca-se, em primeiro lugar, que a maior parte destas secções (340 em 490, ou seja, 65%) ocorre com o título “Introdução”. Em segundo lugar, num número significativo de casos (78 em 490, isto é, 15,9%), as secções contêm títulos diversificados, como “Nota introdutória”, “Contextualização”, “Enquadramento teórico”, “Apresentação”, “Apresentação do problema”, “Objectivos” e “Considerações preliminares”. Acresce a estes factos que, em 72 casos (14,9%), a secção introdutória ocorre sem qualquer título. Por fim, a partir de 2008, não há registo de ocorrências de secções introdutórias sem designação. Aparentemente, a inclusão do *Abstract* serviu também para homogeneizar o processo de intitular todas as secções do texto, em particular aquela com que os textos do género Artigo se iniciam. Com efeito, no ano de 2010, das 41 secções introdutórias, 38 ocorrem com o título “Introdução”, e apenas 3 (cerca de 7%) surgem associadas a outra designação.

Conforme veremos, estes dados numéricos devem ser analisados tendo em conta o ano-chave de 2008, que assinala não só a obrigatoriedade do *Abstract*, como também uma reorganização interna da Introdução.

### 2.3.2. Metodologias

Ainda que, no âmbito da comunidade APL, o género *abstract* pareça ter ficado estabelecido depois do encontro anual de 2008, numerosos excertos dos textos de encontros anteriores (2001-2007) evidenciam propriedades semelhantes. Para confirmar que existe partilha substancial de propriedades – indício claro de intertextualidade – foram estabelecidos vários confrontos, no intuito de ajudar a compreender de que maneira o texto mais recente – do género *Abstract* – foi assimilando e substituindo as funções que, até 2008 pelo menos, eram próprias da Introdução ou da secção introdutória.

Num primeiro momento, foi feito o levantamento dos traços comuns a diferentes *Abstracts* (Santos & Silva 2013). De seguida, foram analisadas as secções iniciais dos textos globais, com privilégio das que assumidamente se intitulassem “Introdução”. Em terceiro lugar, foram confrontadas estas secções com os *Abstracts*, o que permitiu demonstrar que os segundos partilham com as primeiras inúmeras semelhanças, pelo menos no que toca a mecanismos considerados nucleares, de entre os quais avultam os que sustentam objetivos pragmáticos, ou que são assegurados por traços composicionais, lexicais, semânticos e estilístico-fraseológicos. Por fim, foi feito o confronto entre os *Abstracts* e as Introduções no período 2008-2010, a fim de obter uma contraprova. Pretendia-se verificar se os mecanismos anteriormente encontrados, por passarem a fazer parte dos *Abstracts*, deixavam de surgir nas Introduções posteriores a 2008.

Os quatro momentos da análise tiveram em consideração as componentes textuais propostas por Adam (2001) e aplicaram sistematicamente os conceitos previstos no modelo de Coutinho & Miranda (2009): *parâmetros*

*de género, mecanismos de realização textual e marcadores de género* (ver secção 2.1.). No geral, embora a partilha de traços seja uma constante, a análise dos dados permite distinguir e delimitar o *Abstract* enquanto género académico autónomo que ocorre de modo contíguo ao Artigo, por um lado, e a Introdução (ou secção introdutória) enquanto género incluído em textos do género Artigo, por outro.

### 3. Análise dos dados

#### 3.1. Componentes enunciativa e pragmática

Os principais mecanismos de realização textual dos textos do género *Abstract* e do texto integral do género Artigo (que inclui as secções introdutórias) refletem diretamente as práticas sociodiscursivas da comunidade. Trata-se de propriedades categorizáveis nas componentes enunciativa e pragmática, que são comuns aos *Abstracts* e às Introduções, já que todos os textos emanam de um mesmo autor (ou autores) e surgem no mesmo contexto sociodiscursivo: a publicação de um trabalho científico no volume de atas do encontro anual da APL. Essas propriedades respondem a quesitos ditados pela comunidade académica de linguistas em Portugal, uma vez que configuram – ou ajudam a configurar – a identidade sociológica e o papel profissional dos investigadores, a um tempo linguistas e membros (efetivos ou possíveis) da APL.

Em consonância com os objetivos mais específicos dos autores, esses mecanismos atualizam parâmetros que se inserem na componente pragmática, já que a comunicação de uma investigação aos pares da comunidade destina-se não só a divulgar e discutir resultados, como também a obter desses pares a necessária validação e reconhecimento, passaportes indispensáveis para a pertença à comunidade socioprofissional da APL. Conforme previsto pelo ISD, a atividade e o papel profissional e social de cada autor/investigador constituem, assim, parâmetros de género absolutamente decisivos, aos quais se subordinam (com elevado grau de flexibilidade) as componentes textuais.

#### 3.2. Componente estilístico-fraseológica

Os parâmetros das componentes anteriormente referidas tornam-se notórios, em primeiro lugar porque alguns traços estilístico-fraseológicos reenvidiam para o contexto enunciativo. Em muitos textos analisados – sejam eles do género *Abstract* ou do género Introdução – surgem marcas da 1.<sup>a</sup> pessoa do plural e, mais raramente, do singular, quer nas formas verbais quer nos correspondentes pronomes pessoais e determinantes possessivos. As marcas funcionam ou como expressão de partilha de perspetivas, conhecimentos e posições (cf. Bennett, 2011: 42-44), ou como *nós de autor* (nos casos de um único autor, o que é mais frequente nos textos mais antigos), ou ainda como expressão de autoria coletiva (quando o texto tem mais do que um autor),

traço que pode ser cumulativo em relação ao primeiro (Yakhontova, 2002: 225-227). Globalmente, remetem para a identidade “portuguesa” dos autores da APL, o que os distingue, em certa medida, de investigadores de outras áreas do saber, em especial fora das Humanidades. Corrobora esta assunção o facto de ocorrerem de forma massiva no ponto do texto (*Abstract* ou secção introdutória) onde os autores anunciam o que se propõem levar a cabo, funcionando, portanto, como um ato ilocutório comissivo direto ou indireto, com envolvimento pessoal:

- (1) “O percurso da nossa comunicação (...) tomamos (...)” [Pereira & Marques, 2002: 357, *resumo*]<sup>6</sup>
- (2) “Neste texto, pretendo analisar (...). Na primeira parte, proporei que (...), (que passarei a designar por...). Na segunda parte (...), mostrarei que (...)” [Brito, 2005: 401, *introdução*]

Estas marcas pessoais continuam a surgir nos *abstracts* posteriores a 2008, redigidos em inglês, apesar de não serem tão habituais na tradição do discurso académico anglossaxónico:

- (3) “(...) in this work we will be presenting (...) our aim is threefold. (...) We will provide answers to the following questions (...)” [Fiéis & Lobo, 2009: 265, *abstract*]

Um terceiro fator pode ainda evidenciar esta “identidade nacional” (resalvando que há autores não portugueses a publicar nas Atas da APL): a alternância entre formas pessoais e não-pessoais, isto é, as que permitem o apagamento da voz dos autores:

- (4) “São objectivos centrais deste estudo: (...) O estudo que apresentamos baseia-se em dados de *corpora* de escrita. Os dois últimos pontos desenvolvem trabalho prévio das autoras.” [Colaço & Matos, 2011: 183, *introdução*]

A frequência das formas não-pessoais aumenta progressivamente nos textos em inglês (isto é, nos *Abstracts* posteriores a 2008) e também nas Introduções mais recentes:

- (5) “There is considerable evidence supporting the benefits of (...). Large exposition to non-monitorized input gives language learner (...). But the question arises: (...). After summing up (...), this article will examine (...)” [Martins, 2009: 331 *abstract*]

<sup>6</sup> Os exemplos citados indicam a origem entre parêntesis retos, para evitar confusão com as referências bibliográficas do presente artigo, bem como a indicação do subtítulo explícito (*abstract*, *resumo*, *introdução*, ou texto introdutório sem título). A data corresponde ao ano de publicação do texto, o que significa que foi apresentado à comunidade APL no encontro do ano imediatamente anterior. Salvo indicação em contrário, todos os sublinhados são nossos.

- (6) “Neste artigo dá-se conta de trabalho em curso que pretende, por um lado, contribuir para (...) e, por outro, comparar (...)”. [Vigário & Fernandes-Svartmann, 2010:769 *introdução*]

O aumento progressivo de estruturas que permitem o apagamento da voz dos autores, tanto nos textos do género *Abstract* como nos das secções introdutórias, assinala a pertença ou desejo de pertença dos autores a uma comunidade científica que se vai aproximando de arquétipos textuais internacionais. Com efeito, em ambos os casos, as marcas não pessoais surgem sobretudo na discussão da hipótese, no enquadramento teórico e/ou na apresentação do problema, ou seja, nos pontos em que mais importa reforçar a impressão de objetividade, o que também é assinalado na componente semântica (ver secção 3.3.). Pode, portanto, deduzir-se que os autores evidenciam pelas marcas de pessoa a sua identidade social e profissional, o que é feito independentemente de o texto se inserir nos géneros *Abstract* ou Introdução. Contudo, pelo facto de usarem a língua inglesa nos *Abstracts*, e pelo facto de tenderem progressivamente para as marcas não pessoais em todos os textos, esses autores estão a configurar uma identidade algo distinta, mais “portuguesa” no início do período considerado (2001-2007) e mais “internacional” no final (2008-2010).

No que toca à componente fraseológica, existem estruturas de frase complexa que também se encontram marcadas por uma alteração identitária e que reenviam igualmente para uma semelhança entre textos do género Introdução e do género *Abstract*. Em ambos os casos, surgem encaixes sucessivos de modificadores de tipo adverbial, muitas vezes sob a forma de oração subordinada, o que assinala inequivocamente sequências de tipo expositivo-argumentativo. Tal é, aliás, expectável num texto em que os autores necessitam de encadear argumentos e contra-argumentos, e de demonstrar, justificar, defender ou discutir dados, pontos de vista ou diferentes perspetivas:

- (7) “Com o advento da nova era da micro-informática e conseqüente aumento da capacidade e velocidade no armazenamento/processamento dos dados e a criação de redes informáticas, a situação alterou-se radicalmente possibilitando, com relativa facilidade, a emergência dos *corpora* linguísticos que, no entender de Sinclair, são “coleções” significativas de dados seleccionados e organizados segundo critérios linguísticos explícitos para cumprir determinadas funções (...)” [Andrade, 2003: 104, *introdução*]

Contudo, as diferentes possibilidades das estruturas frásicas portuguesas e inglesas resultam num efeito particularmente marcante quando comparamos os textos, uma vez que estamos perante um recurso típico de uma língua românica como o português. Na verdade, emerge aqui um mecanismo de realização textual que sustenta um parâmetro de género específico do *Abstract* e que talvez permita começar a distingui-lo da Introdução, especialmente depois de 2008. É verdade que, tanto no caso das Introduções como dos *Abstracts*, o encaixe de subordinadas no início e/ou no fim de uma mesma frase pode ocasionar o encapsulamento da oração ou ideia principal:

- (8) “Neste sentido, o objectivo central do trabalho que nos propomos realizar será o de investigar as relações temporais que se estabelecem nas referidas construções, procurando distinguir quais os elementos linguísticos que contribuem para a sua realização.” [Cunha & Silvano, 2006: 303, *texto introdutório sem título*]
- (9) “Tendo em conta que as descrições anteriores caracterizam o vocativo tanto do ponto de vista sintáctico como prosódico, o principal objectivo deste estudo é verificar se existem ou não diferenças prosódicas, ao nível dos parâmetros tom e índice de ruptura, relacionadas com a distribuição sintáctica do vocativo.” [Abalada, Cabarrão & Cardoso, 2011: 2, *introdução*]
- (10) “Taking as reference an oral *corpus* consisting of verbal interactions presented in Portuguese radio phone-in programmes, we analyse the emergence of conversational narrative in interactive oral discourse, highlighting the semantic and pragmatic aspects to co-construct interactional meaning and referring the specific processes of definition of the discursive identities here in question.” [Almeida, 2011: 35, *abstract integral*]

Contudo, conforme se pode constatar pelo exemplo (10), esta opção resulta num efeito desajustado em inglês, o que é majorado por tópicos diferidos e por frases demasiado longas. Tais traços estilístico-fraseológicos são muito mais frequentes nos textos mais antigos (2001-2007), e, além disso, tornam-se bastante mais visíveis nos *Abstracts* redigidos em língua inglesa posteriores a 2008. O fenómeno explica-se em parte porque os autores dispõem de alguma margem nas Introduções, onde o espaço não é tão constritivo. Já nos *Abstracts*, é obrigatório concentrar uma massa considerável de informação num espaço textual muito curto, por forma a permitir aos leitores a apreensão imediata dos conteúdos. Isto é verdade para todos os *Abstracts* do período considerado (2001-2010), mesmo se estes textos são residuais antes de 2008. Compreende-se, pois, que estruturas frásicas deste tipo se tornem muito mais salientes nos *Abstracts* do que nas Introduções, já que o efeito é reforçado pelo facto de estarem redigidos em inglês.

Associando esta propriedade a outros traços já mencionados, tudo indica que a concentração de informação (com todos os seus efeitos na componente fraseológica) é um claro parâmetro de género, que identifica o *Abstract* e, em certa medida, o distingue da Introdução, por o tornar num guião de leitura, numa réplica ou bilhete de identidade do texto maior. Confirmando esta tendência, os *Abstracts* posteriores a 2008, possivelmente por influência de modelos internacionais, apresentam muito mais construções coordenadas ou justapostas, enumerações sob a forma de listagens e nominalizações encaixadas, especialmente em (mini-)sequências descritivas e expositivas. O verbo principal surge preferencialmente mais cedo, junto com o tópico, sem necessariamente dispensar as estruturas frásicas de síntese, o que cria uma impressão de “objetividade” e “factividade”:

- (11) “The present paper examines the intonational typology and tonal density of two varieties from central-southern European Portuguese (Alentejo –

ALE and Algarve – ALG). The perception of sentence type and pragmatic meaning are also considered. Production data show that ALE, similarly to the Northern variety (NEP), presents more monotonal pitch accents and higher tonal density, whereas ALG seems to be halfway between the Standard (SEP) and the Northern varieties. Perception experiments show that declaratives produced by ALE and ALG speakers are easier to recognize by SEP listeners than interrogatives, and neutral sentences are more successfully perceived than focused ones.” [Cruz & Frota, 2011: 208, *abstract integral*]

Note-se, porém, que esta tendência não é tão marcada nas Introduções como nos *Abstracts*, o que decorre das menores restrições espaciais a que os autores estarão sujeitos:

- (12) “Este trabalho visa fornecer uma descrição detalhada da entoação de tipos frásicos em duas regiões da variedade centro-meridional do PE, bem como comparar os dados obtidos com o que se sabe acerca de outras variedades do PE, contribuindo assim para um conhecimento mais aprofundado da natureza prosódica desta língua e da extensão da variação prosódica que a caracteriza.” [Cruz & Frota, 2011: 208, *introdução*]

Em todo o caso, a tendência para a coordenação parece surgir preferencialmente em autores mais prolíferos da APL, que serão também – com uma elevada probabilidade – os seus *gate-keepers*, ou, em todo o caso, os modelos preferenciais desta pequena comunidade académica.

### 3.3. Componente semântica

De uma forma menos evidente – pelo menos no que toca à identificação do género *Abstract* – os 125 textos posteriores a 2008 apresentam ainda uma elevada concentração tanto de conteúdos informativos como de termos especializados:

- (13) “This paper discusses evidence that control and raising infinitives have overt subjects in European Portuguese as well as in the other Romance Null Subject Languages (NSLs). Drawing on previous proposals that verbal agreement morphology in the NSLs is “nominal”, it is suggested that the relation between a lexical subject “in situ” and T is invariably mediated by verbal agreement in a configuration of clitic doubling. This assumption, combined with a theory of control based on *Agree*, is argued to adequately capture the existence of subjects of control and raising infinitives in these languages as opposed to others.” [Barbosa, 2009: 97, *abstract integral*]

Tal como nas componentes anteriores, ambos os traços são extensíveis aos *Abstracts* de outras comunidades, mas ocorrem em qualquer texto académico (ainda que em grau variável). O segundo traço, em particular, é mesmo extensível a muitos textos técnicos não académicos (por exemplo, manuais de instruções, protocolos de tratamento médico ou receitas de cozinha). Não constituirão portanto, em bom rigor, mecanismos que realizem textualmente parâmetros específicos do género *Abstract*. Não obstante, o

facto de surgirem num espaço textual consideravelmente reduzido conferem-lhes uma peculiar saliência, indexável ao facto de uma das funções do *Abstract* ser a de atrair potenciais leitores de subcomunidades restritas dentro da ALP, como acontece no exemplo seguinte:

- (14) “The annotated dialect corpus CORDIAL-SIN provides (...) Optimal inquiry for precise morphological and syntactic information (...) is granted by two layers of annotation (part-of-speech tagging and syntactic annotation), which are automatically searchable for linguistic labels and structures through independently available tools” [Carrilho & Magro, 2010: 225, *abstract*].

Os mecanismos de realização textual desta componente revelam a consciência de que um *Abstract* e uma Introdução ou secção introdutória são o que Swales designa por “front matter” (1990: 179) – material textual de que depende a decisão do leitor quanto à leitura do texto integral. Tanto *Abstracts* como Introduções – como, aliás, o Artigo integral – usam tais termos por serem textos científicos dirigidos a públicos especializados. Acontece é que a presença desses termos nas Introduções se dissemina pela secção – como se disseminará, previsivelmente, pelo restante texto – ao passo que, num *Abstract*, tal presença se torna demasiado evidente.

Este é um dos pontos principais onde o *Abstract*, especialmente depois de 2008, absorve progressivamente uma anterior função da Introdução. O mesmo acontece com a revisão da bibliografia, que consubstancia o enquadramento teórico do trabalho, e que surge como forma de orientar aquela decisão:

- (15) “O percurso da nossa comunicação é o de articular noções teóricas (designadamente *tópico* – frásico –; estrutura *tópico/comentário* ou *foco* e estrutura *tema / rema*; concepções do discurso que o caracterizam como *dialógico* – Bakhtine –, que o articulam à *polifonia* – Ducrot – e *difonia* – Roulet -) à relativa aplicabilidade na análise efectiva de discursos.” [Peireira & Marques, 2002: 357, *resumo*].

Referências bibliográficas deste tipo, como as de outros *Abstracts*, apontam para o estatuto científico do texto e para a filiação teórica dos seus autores, dado que situam uns e outros num determinado enquadramento ou subgrupo de investigação, especialmente em domínios altamente especializados ou interdisciplinares. O efeito pode ainda ser potenciado por mecanismos próprios da componente material, como o destaque por meios gráficos ou sintáticos (uso de negritos ou itálicos, posicionamento na ordem da frase), como no exemplo (15). Estes mesmos mecanismos surgem na Introdução, ainda que com algumas diferenças, pois, sempre que a revisão bibliográfica de uma Introdução inclui as obras de referência, elas são explicitadas e comentadas, com possibilidade de repetições:

- (16) “(...) A consciência fonológica tem sido amplamente estudada, (...) quanto à sua relação com a leitura e a escrita (e.g. trabalho pioneiro de Liberman *et al.*, 1974; trabalhos do grupo de Bruxelas, como Morais *et al.*, 1979, e Morais, 2009; textos do grupo de Oxford, como Bradley &

Bryant, 1991; revisões sobre este domínio de investigação, como Gombert, 1990 e Castles & Coltheart, 2004; outros trabalhos, como Ryder *et al.*, 2008). Esses estudos têm permitido (...) a identificação de associações entre esta capacidade e outras competências como a leitura, a escrita e a linguagem oral. Alguns destes trabalhos mostram igualmente (...) sobretudo nos indivíduos que já terminaram o processo de iniciação à leitura e à escrita (e.g. Treiman & Cassar, 1997; Ventura *et al.*, 2001; Veloso, 2003).” [Castelo, 2010: 260, *introdução*]

Pelo contrário, num *Abstract*, a menção da bibliografia tende a reduzir-se a uma única referência central, ou, no caso de haver mais do que uma, surge sob forma de lista corrida, menos extensa e, em todo o caso, sem a confrontação de ideias e autores:

- (17) “This research project approaches metalinguistic negation (Horn, 1989), studying the syntactic behaviour of the metalinguistic negation marker *agora* under a dialectal perspective. (...) It is suggested that those distinctions derive from different syntactic representations: even though *agora* is associated, in any dialect, with the area of CP, in the Minho dialect *agora* is a first position element occurring in Spec, ForceP (according to Rizzi’s, 1997, terminology)” [Pereira, 2011: 490, *abstract*]

A revisão bibliográfica em si não é, portanto, um mecanismo que diferencie a Introdução do *Abstract*, já que a função de atrair potenciais leitores acompanha, em ambos os casos, a prototípica obrigação de situar a pesquisa num determinado quadro teórico-metodológico. A distinção reside antes no facto de essa revisão poder ser alargada e explicitada na Introdução, mas não no *Abstract*, de novo pelas restrições de espaço. No caso do *Abstract*, trata-se de um mecanismo de realização textual associado à condensação de informação, parâmetro que caracteriza este género e o distingue da Introdução. Por outro lado, a partir da imposição externa de ocorrência do *Abstract* enquanto texto contíguo ao artigo integral, a função de atração de leitores deixa de ser crucial para a secção introdutória, que pode então explicar de forma detalhada as referências.

Por fim, encontramos em ambos os textos uma componente semântica associada à ausência de marcação da modalidade, ou, em alternativa, à marcação da modalidade epistémica. Este mecanismo consiste na reiteração de verbos, nomes, adjetivos ou advérbios que, tanto na Introdução como no *Abstract*, reenviam para um efeito de objetividade, por vezes recorrendo a um sentido factivo:

- (18) “This paper considers the implicative and non implicative readings that Karttunen (1971) observes in constructions of the form *enough/too* ADJ *to* \_\_\_\_\_. In the first part of the paper, an inquiry is conducted in order to describe the factors that favor one or another reading. In the second part, the question is addressed whether these readings are cases of entailment, presupposition or (conventional or conversational) implicature. Finally, a proposal is made that the (non)existence of the implicative reading is bet-

ter described in a possible worlds semantics, such as the CCP framework (Heim, 1992).” [Marques, 2011: 358, *abstract*]

De novo, tanto no *Abstract* como na Introdução, a terminologia muito específica, por um lado, e a modalização epistémica e o sentido de factividade, por outro, funcionam como dispositivos para atrair potenciais leitores e credibilizar tanto o texto principal como os seus autores, conferindo-lhes uma impressão global de objetividade. Acontece é que, no *Abstract*, surge de forma concentrada num texto muito curto, tal como acontecia com os mecanismos anteriores. A condensação de informação parece ser, assim, sustentada por vários mecanismos e constitui, por conseguinte, um parâmetro do género, na medida em que torna qualquer mecanismo de realização textual extraordinariamente conspícuo.

#### 4. O *Abstract* e a Introdução: semelhanças e diferenças

##### 4.1. Híbridismo e partilha de propriedades

Conforme visto nas secções anteriores, os textos destes dois géneros assemelham-se nas funções que desempenham. Com um texto do género *Abstract*, o autor pretende, basicamente, i) retomar e destacar as principais ideias expostas no artigo, e ii) atrair potenciais interessados. Os textos do género Introdução servem globalmente para enquadrar a investigação realizada, apresentando conteúdos-chave, para que o leitor situe, desde o início, o âmbito e o objeto da investigação. Ora, esse enquadramento resulta, frequentemente, na retoma, de modo abreviado, das principais ideias incluídas no artigo, o que coincide com a função mais óbvia do *Abstract*. Ao fazê-lo, o autor da Introdução pretende, de igual modo, atrair a atenção dos seus pares.

Como consequência da sobreposição atestada entre as funções dos textos dos dois géneros, há também sobreposição relativamente aos conteúdos que ambos selecionam. Os textos de ambos os géneros podem incluir referências ao tema do artigo, aos objetivos, ao quadro teórico adotado, à metodologia seguida, às conclusões, entre outros que se afigurem pertinentes. Assim, os conteúdos que encontramos nos textos destes dois géneros são equivalentes.

Poder-se-ia pensar que a Introdução nunca integra as conclusões do estudo efetuado (uma vez que pretende contextualizar a investigação realizada), enquanto o *Abstract* até as deve incluir (pois incide sobre a totalidade do artigo). Todavia, há casos atestados, embora raros, em que as conclusões são antecipadamente expostas na Introdução. Tal sucede, por exemplo, quando um autor refere que argumentará em favor da *proposta x*, por contraste com a *proposta y* (explicitada ou inferida), que até então era considerada predominante. É o caso do exemplo seguinte:

- (19) “Assim, a partir de alguns pressupostos teóricos, procurarei defender que:  
– a diferente formação de frequências de um  $V_{sup}$  e de um  $V_{pl}$  é feita a partir de uma mesma Forma Esquemática (no sentido culioliniano do termo)

- os diferentes marcadores de determinação nominal assumem valores diferentes porque representam operações diferentes
- as EF resultam de uma formatação nocional que incide sobre a totalidade do enunciado onde essa expressão ocorre e não sobre cada uma das suas ocorrências.” [Correia, 2003: 196, *introdução*]

Ou seja, também na Introdução podem ser listadas, de forma antecipada, as principais conclusões do estudo realizado. Esta possibilidade aproxima os textos dos gêneros *Abstract* e Introdução, revelando, uma vez mais, o hibridismo que caracteriza a relação entre ambos.

À sobreposição que se observa a nível das funções e dos conteúdos típicos do *Abstract* e da Introdução, acresce uma outra característica: cada *Abstract* retoma a totalidade do texto do Artigo, sumariando as principais ideias que nele são expostas. Ora, a Introdução constitui uma parte do Artigo que é retomado pelo *Abstract*. Assim, os conteúdos inseridos na Introdução podem ser (e frequentemente são) recuperados e integrados no *Abstract*. Existe, por todos estes motivos, um elevado grau de redundância nos conteúdos veiculados pelos textos de ambos os gêneros.

Outro ponto que merece ser notado decorre da ordem de exposição dos conteúdos. Em Santos & Silva (2013), observou-se que os textos do género *Abstract* selecionam conteúdos a partir de um conjunto considerado relevante, que inclui o tema, os pressupostos, os objetivos, o problema, a hipótese de trabalho, o quadro teórico, a metodologia, o *corpus*, as referências bibliográficas, o plano do texto e as conclusões. Todavia, apesar de se tratar de um grupo relativamente restrito de conteúdos (o que revela alguma rigidez do género em causa), eles podem ser selecionados e ordenados de formas muito díspares (o que evidencia uma enorme flexibilidade do género e origina grande diversidade a nível dos produtos textuais produzidos). Estas propriedades, que se inserem nas componentes semântica e composicional, são atestadas quer nos textos do género *Abstract*, quer nos do género Introdução.

Note-se, ainda, que os textos de ambos os gêneros são redigidos pelo mesmo autor (ou autores) no seio de um mesmo trabalho de investigação, o que permite explicar por que razão muitas propriedades atestadas são semelhantes. De acordo com a análise efetuada e com os pressupostos assumidos no âmbito deste estudo, é plausível argumentar que a sobreposição quase total a nível do tipo de conteúdos geralmente incluídos nos textos destes dois gêneros decorre das funções que lhes são inerentes.

#### **4.2. Contraste de parâmetros e mecanismos**

Tendo em consideração o que foi referido, justifica-se agora refletir sobre algumas questões atinentes à distinção entre os textos do género *Abstract* e os da Introdução de um Artigo publicado nas Atas da APL. Dois parâmetros do género *Abstract* são absolutamente explícitos: o título e a posição ou ordem de ocorrência. Estes mecanismos enquadram-se nas componentes metatextual e peritextual. No caso vertente, os 125 textos do género *Abstract* publicados a

partir de 2008 partilham um mesmo mecanismo metatextual, que consiste na menção explícita do título que identifica (e corresponde a) o género em causa. Este mecanismo surge também em 42 textos anteriores a 2008, sob a menção de *Resumo*, *Résumé* ou *Abstract*, por força da língua utilizada. O mecanismo constitui um marcador do género *Abstract*, porque identifica inequivocamente e de um modo autorreferencial o género do texto em causa.

A visibilidade do *Abstract* é salientada igualmente por outros mecanismos. Há vários elementos que delimitam o texto em causa: ocorre sempre no início da página, imediatamente depois do título do artigo e da filiação autorral, antecedendo as *key words*/palavras-chave e o texto do género Artigo. Além disso, a partir do encontro de 2008, o *Abstract* tem também uma extensão limitada (máximo de 100 palavras). Existe, pois, uma delimitação peritextual prototípica, cujo efeito de destaque é ampliado por um outro mecanismo que se inscreve na componente material: a partir do encontro realizado em 2010, o texto do género *Abstract* é apresentado num corpo de letra menor do que o usado no texto principal.

Tais mecanismos dos *Abstracts* da APL são também característicos de outras comunidades, na medida em que alguns – como o limite de palavras, por exemplo – são igualmente impostos em revistas ou propostas de comunicação de encontros internacionais, embora não necessariamente em Teses de Doutoramento ou em Dissertações de Mestrado. Por conseguinte, pode dizer-se que constituem parâmetros do género *Abstract*, já que, com esta reduzida extensão, parecem ocorrer exclusivamente em textos deste género.

Paralelamente, a Introdução tem os seus próprios mecanismos textuais, ainda que estes não sejam tão evidentes. O mais relevante de todos é o título que o autor dá a esse segmento textual. A designação “Introdução” (ou outra equivalente) configura, de igual modo, um marcador autorreferencial. A maior parte das secções que servem de introito ao artigo inclui esse título, como se pode confirmar no quadro 3.

Com a designação de Introdução	Com outra designação	Sem designação	Total
340	78	72	490
69,4%	15,9%	14,7%	100%

Quadro 3: Secções introdutórias (2001–2010)

Existe um número significativo de exemplos em que o texto inicial ou tem outra designação ou não é precedido de qualquer título. Em casos como este, pode colocar-se a questão de saber se os autores dos textos pretendiam iniciar o artigo com uma Introdução ou com um texto que funcionasse como um *Abstract* e ao qual apenas faltaria o marcador autorreferencial. Dada a partilha de propriedades entre ambos os textos, é difícil determinar com exatidão se se trata de um texto do género *Abstract*, contíguo ao artigo integral,

ou de uma parte integrante desse texto, ou ainda ou de um texto que pretende ser “dois em um”, integrando as funções de ambos – só os próprios autores poderiam esclarecer a dúvida.

No entanto, esta questão não se coloca para o período posterior a 2008, graças à identificação inequívoca dos textos do género *Abstract*. Com efeito, observando o quadro 4, a constatação que se impõe é a de que, após 2008, não há qualquer ocorrência de secções introdutórias sem título: todos os artigos incluem um texto do género *Abstract* e, imediatamente após a apresentação das *key words* e das palavras-chave, a secção inicial do artigo inclui um título: Introdução, na maior parte dos casos (em 82,4 % dos textos), ou um outro (em 17,6 % dos artigos).

	Com a designação de Introdução	Com outra designação	Sem designação	Total
2001–2007	237 (64,9 %)	56 (15,4 %)	72 (19,7 %)	365
2008–2010	103 (82,4 %)	22 (17,6 %)	0	125

Quadro 4: Secções introdutórias (por períodos de tempo)

A conclusão que se pode extrair destas constatações é a de que o advento do *Abstract* enquanto secção obrigatória veio “disciplinar” a identificação das secções do artigo, não havendo, desde então, secções desprovidas de título como sucedia com alguma regularidade até 2007.

Um outro parâmetro que permite distinguir um texto do género Introdução decorre da sua posição: a Introdução é a primeira secção a ocorrer i) ou imediatamente após o título do artigo e o nome do autor (nas atas publicadas até 2007), ii) ou imediatamente após o *Abstract*, as *key words* e as palavras-chave (nas atas publicadas de 2008 em diante). De facto, observa-se que a Introdução só pode ser antecedida por um *Abstract* (e pelas *key words*), em particular após 2008. Uma vez que este parâmetro diz respeito às fronteiras dos textos do género em causa, insere-se na componente peritextual. Além disso, o parâmetro é atualizado por um mecanismo que constitui um marcador inferencial (na conceção de Coutinho & Miranda, 2009), pois, embora não o refira explicitamente, permite-nos deduzir que o texto se integra no género Introdução.

Aos dois parâmetros mencionados, que servem para distinguir os textos destes dois géneros (título e posição ou ordem de ocorrência), acresce um terceiro, que diz respeito à língua usada no *Abstract*. Como o texto que sumaria o Artigo é obrigatoriamente redigido em inglês, enquanto a Introdução é redigida em português, pode argumentar-se que um e outro texto parecem dirigir-se prioritariamente a destinatários diferentes: o *Abstract* destina-se a

um público internacional, composto por investigadores da área da linguística que comunicam usando a língua inglesa; já a Introdução dirige-se a um público constituído pelos investigadores da mesma área, mas de língua portuguesa.

Por fim, o quarto parâmetro diferenciador decorre da constrição textual do *Abstract*, que tem como efeito concentrar as propriedades anteriormente explicitadas (as propriedades das componentes estilístico-fraseológica, lexical, semântica e composicional) num espaço de tal maneira reduzido que praticamente todas são relevantes. À Introdução não é imposto um número máximo de palavras pré-determinado, e, por isso, a sua extensão pode ser muito superior à do *Abstract*. Desse modo, os traços que ganham saliência acrescida num *Abstract* (dada a sua reduzida extensão) podem ocorrer de forma mais dissipada na Introdução.

Poder-se-á argumentar que os dois primeiros parâmetros referidos nesta última secção terão sempre peso menor, pois aparentam ser meras etiquetas, ao passo que parâmetros resultantes de mecanismos integrados nas componentes estilístico-fraseológica e semântica são constitutivos da própria tessitura textual. Contudo, não há como negar que as etiquetas textuais que assinalam os textos do género *Abstract*, por um lado, e os textos do género Introdução, por outro, são marcadores autorreferenciais que resultam de uma configuração consciente, externamente parametrizada pelos *gatekeepers* da comunidade (os revisores que ajuizam da possibilidade de o texto ser aceite ou não para publicação). Nesse ponto, estão diretamente relacionadas com as componentes enunciativa e pragmática. São, ainda, impostas pelas práticas sociodiscursivas da APL, figurando obrigatoriamente nas normas de formatação textual que orientam a construção quer do Artigo, quer do *Abstract*.

Além disso, no que toca a outras componentes, os parâmetros de género são configurados de forma compósita, através de mecanismos de realização textual extremamente variáveis – uma voz autoral mais ou menos pessoalizada, opção por estruturas fráscas de encaixe ou de coordenação, léxico especializado e referências bibliográficas mais ou menos desenvolvidas, entre outros. Em tais mecanismos, as normas também não assumem um carácter tão restritivo, pois as opções tomadas resultam de decisões dos próprios autores, que, quando muito, se regem por práticas indexáveis a subcomunidades de investigadores dentro da própria APL, ou pela imitação do que lhes surgirá como modelo preferencial.

Como quer que seja, no que diz respeito à constituição dos géneros em causa, os marcadores autorreferenciais, peritextuais e materiais acabam não só por ser menos flexíveis, como também por depender diretamente das práticas sociodiscursivas da comunidade APL. Por conseguinte, assinalam de forma bastante mais inequívoca a distinção entre géneros, sem afetar a sua hipertextualidade. Para identificação de géneros distintos, poderá então considerar-se significativa, em primeiro lugar, essa operação de etiquetagem através da qual autores e avaliadores assinalam, reconhecem e distinguem automaticamente um texto do género incluído Introdução, um texto do género contíguo *Abstract* e (eventualmente) um texto de outro género designado

Artigo. Em segundo lugar, e de forma decisiva, avultam os dois últimos parâmetros: a opção pela língua inglesa ou portuguesa e a condensação de informação resultantes da extensão reduzida imposta ao *Abstract*, por contraste com a sua ausência na Introdução. A própria componente material do texto é, neste ponto, inequívoca e, de novo, reenvia para as componentes enunciativa e pragmática, que enquadram a interação específica do *Abstract*, por um lado, e da Introdução, por outro.

## 5. Conclusões

Conforme anunciado, os dados obtidos revelam que, no período em causa (2000-2010), dois géneros distintos – o *Abstract*, por um lado, e a Introdução, por outro – se vão constituindo progressivamente nos volumes de *Atas dos Encontros anuais da APL*. Confirmando o que é preconizado pelo Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 1996), essa constituição progressiva é ditada por fatores externos, ou seja, por práticas sociodiscursivas da comunidade científica. A observância de determinadas práticas no género *Abstract* e o seu reflexo nas componentes dos textos empíricos, especialmente através de mecanismos que se vão tornando mais visíveis ao longo dos anos, é reflexo do estatuto socioprofissional dos autores – investigadores, linguistas – mas também da identidade do género propriamente dito. Assim, as práticas são constitutivas do género pelo menos a dois níveis: o enunciativo/pragmático e o textual. No primeiro, constituem-se como os meios mais diretos para a obtenção dos objetivos desses mesmos autores: divulgar e discutir resultados de um trabalho prévio e obter dos pares a validação que lhes permite considerarem-se membros da APL. No segundo, favorecem, divulgam e reforçam modelos textuais de configuração específica – no caso concreto, o *Abstract* – o que tem igualmente repercussões na Introdução.

Do ponto de vista da constituição interna, os dados revelam uma influência entre os textos do género *Abstract* e textos introdutórios do Artigo. A relação que existe entre os primeiros e os segundos faz com que o *Abstract* constitua um género híbrido em dois sentidos: por um lado, replica o texto de maior extensão, que sumaria e apresenta, e, por outro, partilha propriedades com os textos do género incluído Introdução, que configuram uma secção do Artigo. Não surpreende, por isso, que os textos do género *Abstract* possuam um elevado número de propriedades comuns às dos géneros Introdução e Artigo.

Aplicando o modelo de Coutinho & Miranda (2009), e considerando em particular os mecanismos de realização textual categorizados nas componentes de análise de Adam (2001), verifica-se que, no conjunto total dos Resumos, *Résumés* e *Abstracts*, por um lado, e no conjunto total das Introduções, por outro, existe de facto uma partilha significativa de propriedades. Na componente estilístico-fraseológica, avulta a opção por uma voz autoral que oscila entre a pessoalização e a sua ausência, com favorecimento desta nos textos dos últimos anos, bem como a progressiva substituição de estruturas frásicas de encaixe por estruturas de coordenação. Na componente semânti-

ca, destaca-se a marcação de modalidade epistémica com recurso a expressões factivas e a escolha de léxico especializado.

Estes mecanismos evidenciam-se tanto na Introdução como no *Abstract*. Considerando a relação entre os dois géneros, mas também considerando o texto mais extenso que os une – do qual faz parte a Introdução enquanto género incluído, e do qual o *Abstract* depende enquanto género contíguo –, o hibridismo dos mecanismos de realização textual aponta para uma hipertextualidade latente. Essa hipertextualidade é especialmente visível no confronto entre os textos. Nos volumes dos primeiros anos, o Artigo surge habitualmente sem *Abstract*, mas com uma Introdução que cumpre as mesmas funções – apresentar o texto maior e atrair potenciais leitores. Posteriormente, em especial depois de 2008, o *Abstract* passa a funcionar como o bilhete de identidade do texto mais extenso, pelo que a Introdução passa a focar-se em outras funções, como o consubstanciar de um enquadramento teórico através de uma revisão bibliográfica mais explanada. Assim, cada género obedece a uma progressiva individualização, apesar de continuarem a partilhar traços comuns.

O marco deste processo de individualização situa-se em 2008, pois, a partir desse ano, o *Abstract* em inglês passa a ser obrigatório, tornando-se então a um tempo género de pleno direito, sem deixar de ser género contíguo ao Artigo. Por sua vez, a Introdução, também sem deixar de ser género incluído, evidencia uma organização mais marcada, o que é visível no facto de não mais aparecer sem título que a identifique. Emergem então parâmetros verdadeiramente individualizadores do género *Abstract* e do género Introdução nas componentes metatextual e peritextual, que (cor)respondem aos ditames das práticas estabelecidas pela comunidade socioprofissional APL. A opção em exclusivo por uma de duas línguas e a extensão – restrita no caso do *Abstract*, relativamente livre no caso da Introdução – constituem, por fim, os parâmetros que separam decisivamente ambos os textos, pois definem destinatários diferentes e condicionam o próprio tratamento dos conteúdos textuais. Uma vez que estes parâmetros são indexáveis às componentes enunciativa e pragmática, confirmam, portanto, que as práticas textuais refletem e reforçam os modelos textuais, isto é, os géneros disponíveis.

De acordo com esta conclusão, é lícito acentuar que o modelo compósito inicialmente escolhido é perfeitamente adequado para uma análise dos géneros e dos textos no âmbito do discurso académico, ainda que deva ser testado de forma mais aprofundada para o Artigo.

## Referências

- Adam, Jean-Michel (2001). En finir avec les types de textes. In. M. Ballabriga (ed.) *Analyse des discours. Types et genres: communication et interprétation*. Toulouse: EUS, pp. 25-43.
- Adam, Jean-Michel (2002). Plan de texte. In. Pierre Charaudeau & Dominique Maingueneau (dir.) *Dictionnaire d'Analyse du Discours*. Paris: Seuil, pp. 433-434.

- Bailey, Stephen (2006). *Academic writing: a handbook for international students*. Londres: Routledge.
- Bennett, Karen (2011). *Academic writing in Portugal – I. Discourses in conflict*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Bronckart, Jean-Paul (1996). *Activité langagière, textes et discours*. Paris: Delachaux et Niestlé.
- Cargill, Margaret & Peter O'Connor (2009). *Writing scientific research articles – strategy and steps*. Oxford: Wiley-Black.
- Coutinho, Maria Antónia & Florencia Miranda (2009). To describe textual genres: problems and strategies. In Ch. Bazerman *et alii* (org.) *Genre in a changing world. Perspectives on writing*. Fort Collins: The WAC Clearinghouse & Parlor Press, pp. 35-55.
- Hyland, Ken (2004). *Social Interactions in Academic Writing*. Ann Arbor: The University of Michigan Press.
- Maingueneau, Dominique (1998). *Analyser les textes de communication*. Paris: Nathan.
- Martín-Martín, Pedro (2005). *The rhetoric of the Abstract in English and Spanish scientific discourse*. Berne: Peter Lang.
- Santos, Joana Vieira & Paulo Nunes da Silva (2013). Abstract/résumé parameters: towards a sociodiscursive analysis of an academic genre. *IVes Rencontres de L'Interactionnisme Sociodiscursif*, Genève, 16-20 julho 2013 (não publicado).
- Silva, Paulo Nunes da & Joana Vieira Santos (2013). Contributos para a caracterização do género académico: 'resposta de desenvolvimento'. *Atas do III SIMELP – Simpósio Mundial de Língua Portuguesa*. Macau: FSH, Simpósio 39, pp. 27-38.
- Swales, John (1990). *Genre Analysis – English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Swales, John (2011). *Aspects of article introductions*. Ann Arbor MI: University of Michigan Press.
- Yakhontova, Tatiana (2002). 'Selling' or 'Telling'? The issue of cultural variation in research genres. In John Flowerdew (ed.) *Academic Discourse*. Harlow: Pearson Education Limited, pp. 216-232.

### Referências das Atas dos Encontros Anuais da APL

- Abalada, Silvana, Vera Cabarrão & Aida Cardoso (2011). O Vocativo em Português Europeu: Estudo de Parâmetros Prosódicos em Vocativos com Diferentes Distribuições. *Textos Seleccionados. XXVI Encontro da APL*. Lisboa: APL, pp. 1-16.
- Almeida, Carla Aurélia (2011). Aspectos semânticos e pragmáticos da co-construção de identidades discursivas em narrativas de experiência de vida produzidas por participantes de emissões nocturnas de rádio. *Textos Seleccionados. XXVI Encontro da APL*. Lisboa: APL, pp. 35-48.
- Andrade, Ana Rebello de (2003). Os corpora linguísticos: uma nova forma de "fazer Lexicografia"? *Textos Seleccionados. XVIII Encontro da APL*. Lisboa: APL, pp. 103-110.

- Barbosa, Pilar (2009). Sujeitos explícitos em orações infinitivas de controlo e elevação. *Textos Seleccionados. XXIV Encontro da APL*. Lisboa: APL, pp. 97-114.
- Brito, Ana Maria (2005). As relativas não restritivas com antecedente nominal como um caso de aposição. *Textos Seleccionados. XX Encontro da APL*. Lisboa: APL, pp. 401-419.
- Carrilho, Ernestina & Catarina Magro (2010). A anotação sintáctica do CORDIAL-SIN. *Textos Seleccionados. XXV Encontro da APL*. Lisboa: APL, pp. 225-241.
- Castelo, Adelina (2010). Processos fonológicos e consciência linguística: estudo-piloto com alunos do 1.º ano do ensino superior. *Textos Seleccionados. XXV Encontro da APL*. Lisboa: APL, pp. 259-275.
- Colaço, Madalena & Gabriela Matos (2011). Construções parentéticas coordenadas ancoradas oracionais e sintagmáticas. *Textos Seleccionados. XXVI Encontro da APL*. Lisboa: APL, pp. 182-196.
- Cruz, Marisa & Sónia Frota (2011). Prosódia dos tipos frásicos em variedades do Português Europeu: produção e percepção. *Textos Seleccionados. XXVI Encontro da APL*. Lisboa: APL, pp. 208-225.
- Cunha, Luís Filipe & Purificação Silvano (2006). A interpretação temporal dos infinitivos em orações completivas de verbo. *Textos Seleccionados. XXI Encontro da APL*. Lisboa: APL, pp. 303-314.
- Fiéis, Alexandra & Maria Lobo (2009). Para uma diacronia das orações causais e explicativas do português. *Textos Seleccionados. XXIV Encontro da APL*. Lisboa: APL, pp. 265-280.
- Marques, Rui (2011). Leitura implicativa e não implicativa de construções com *suficiente* ou *demasiado*. *Textos Seleccionados. XXVI Encontro da APL*. Lisboa: APL, pp. 358-374.
- Martins, Ana (2009). Leitura extensiva em L2: o lugar dos textos modificados. *Textos Seleccionados. XXIV Encontro da APL*. Lisboa: APL, pp. 331-337.
- Pereira, Maria Emília P. Lopes & Maria Aldina Marques (2002). Processos de retoma discursiva. *Textos Seleccionados. XVII Encontro da APL*. Lisboa: APL, pp. 357-365.
- Pereira, Sílvia (2011). O marcador de negação metalinguística *agora* nos dialectos do Português Europeu. *Textos Seleccionados. XXVI Encontro da APL*. Lisboa: APL, pp. 490-504.
- Vigário, Marina & Flaviane Fernandes-Svartmann (2010). A atribuição de acentos tonais em compostos no Português do Brasil. *Textos Seleccionados. XXV Encontro da APL*. Lisboa: APL, pp. 769-786.